

**COMUNIDADE DE DIÁSPORA EM MONTREAL:
UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO
– IMIGRAÇÃO PORTUGUESA
E O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR NO QUEBEC NOS SÉCULOS XX E XXI**

NILCE DA SILVA *

Resumo

Este artigo é fruto de pesquisa exploratória, realizada na cidade de Montreal, subsidiada pelo governo canadense no ano de 2006, e das reflexões que têm sido feitas acerca da relação entre o mundo lusófono e a instituição escolar no âmbito do grupo de pesquisa, ensino e extensão Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Escolar e Social: o papel da instituição escolar – certificado pela Universidade de São Paulo – que conta com o apoio do CNPq e da FAPESP.

A partir de contato com comunidade de diáspora portuguesa em Montreal e de um breve resgate da história da lusofonia, discutiremos a semiperifericidade econômico-social de Portugal – apesar de ter construído o mais longo império colonial da história da humanidade e, decorrente desta situação de antiga metrópole, analisaremos o papel da instituição escolar no contexto montrealense no sentido da difusão da língua e da cultura lusófona.

Um pouco da alma portuguesa: deixar sua terra

Os Lusíadas

*"Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e
Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão
amado,
Tão querido de todos, e benquisto,
Que não no largo mar, com leda
fronte,
Mas no lago entraremos de
Aqueronte."*

Luís Vaz de Camões

* Pós-doutorada na Université Paris-Nord, Professora Doutora na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil.

A história de Portugal é marcada pela saída dos portugueses de seu território, como admiravelmente contam-nos os poetas, Camões e Pessoa, sendo que, em cada período, há diferentes motivos para o êxodo.

O período conhecido como “Grandes Navegações” iniciou esta história:

“Era o povo português que sem o saber, estava fazendo mais do que sua história, estava escrevendo a própria história da humanidade. E tudo isto, sessenta anos antes de qualquer outra nação pensar em abalar-se para o mar [...] só o puderam fazer porque já existia toda uma ciência náutica portuguesa, desenvolvida como a astronomia e a navegação, nessa Universidade do mar que foi a Escola de Sagres [...]” (COSTA, 1988, p.14).

Nesta época, conforme o mesmo estudioso, dos 300.000 homens que compunham a população economicamente ativa de Portugal, 30.000 eram marinheiros que colaboraram fortemente para a presença de Portugal como metrópole em diferentes continentes, de forma que podemos falar da existência de um Império Português, como sabemos, o mais duradouro deles – de 1415, com a tomada de Ceuta, a 1999, com a entrega de Macau para a República Popular da China. Vários são os nomes nestas Grandes Viagens: Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, dentre outros.

Desta forma, o século XVI foi o “século de ouro” para Portugal, muito bem retratado por L. V. de Camões na epopéia Os Lusíadas. Citemos alguns dos locais, a título de ilustração, destas conquistas¹: Aguz, Arzila, Azamor, Ceuta, Mazagão, Mogador, Safim, Agadir, Tanger, Acra, Angola, Ano Bom, Arguim, Cabinda, Cabo Verde, São Jorge da Mina, Fernando Pó, Costa do Ouro Portuguesa, Guiné Portuguesa, Melinde, Mombaça, Moçambique, Quíloa, Fortaleza de São João Baptista de Ajuda, São Tomé e Príncipe, Socotorá, Zanzibar, Ziguinchor, Bahrain, Ormuz, Mascate, Bandar Abbas, Ceilão, Laquedivas, Maldivas, Baçaim, Bombaim, Calicute, Cananor, Chaul, Chittagong, Cochim, Cranganor, Dadrá e Nagar-Aveli, Damão, Diu, Goa, Hughlí, Nagapattinam, Paliacate, Coulão, Salsette, Masulipatão, Mangalore, Surate, Thoothukudi, São Tomé de Meliapore, Bante, Flores, Macau, Macassar, Malaca, Molucas, Amboina, Ternate, Tidore, Nagasaki, Timor-Leste, Brasil, Cisplatina, Guiana Francesa, Nova Colónia do Sacramento, dentre outros locais.

Tendo em vista a quantidade de territórios conquistados em todas as regiões do globo terrestre e a longevidade da colonização portuguesa – em torno de 500 anos – não nos parece lógico que Portugal provocasse a saída de seus habitantes, especialmente, a partir do século XIX, desejosos de melhores condições de trabalho e, em última instância, em busca de vida digna. Ou seja, questionamos: Por que o Gigante dos Mares,

¹ Visite a página da Wikipédia sob o título “Império Português” para maiores informações sobre o domínio lusitano nestes territórios: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Portugu%C3%AAs.

apesar da rede de feitorias, entrepostos, e fortalezas; da difusão da língua e a cultura portuguesa; da utilização de variados métodos para impor seu domínio – missionação, miscigenação e das armas – não se fez por metrópole plena?

A metrópole incompleta e a diáspora portuguesa dos últimos tempos

Mar Português

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa

Segundo Santos (1996), a Grã-Bretanha, maior potência do mundo no século XIX, afastou todos os seus concorrentes, especialmente os que não atingiram seu grau de industrialização. Conquistou e subordinou muitos territórios e países já constituídos por meio de ultimatos, ameaças, pressões econômicas e conflitos militares:

“[Portugal foi] o único na história, como bem salientam Carlos Guilherme Mota e Fernando Novaes, de, com a ida de D. João VI para o Brasil, fugido de Napoleão, a colônia ter caucionado por algum tempo a independência da metrópole, convertendo-se então em verdadeira cabeça do império, e a metrópole, apêndice da colônia, o que constitui uma autêntica ‘inversão do pacto colonial’. Neste período final aprofundou-se o colonialismo informal a que Portugal foi sujeito pela Inglaterra, uma dependência que se havia de prolongar no Brasil depois da independência” (1996, p. 149).

Ainda de acordo com este estudioso, os portugueses se constituem no “[...] único povo europeu que, ao mesmo tempo que observava e considerava os povos das suas colônias como primitivos ou selvagens, era, ele próprio, observado e considerado, por viajantes e estudiosos dos países centrais da Europa do Norte, como primitivo e

selvagem” (Santos, 1996, p. 152). Dito de outro modo, Portugal encontra-se na semiperifericidade da contexto mundial.

Ou seja, os portugueses são e foram considerados, paradoxalmente, civilizados – pelas suas antigas colônias – e selvagens, ao mesmo tempo, tanto pela América do Norte como pela Europa.

Prova desta ambigüidade é o grande número de portugueses que deixaram seu país, de maneira legal e ilegal, nos últimos 150 anos. Dito de outro modo, as razões de natureza econômica (deteriorização da economia portuguesa, poucas oportunidades de mobilidade social, guerra civil estabelecida nas antigas colônias) fizeram com que a diáspora portuguesa atingisse algo em torno de quatro milhões de pessoas.

O movimento emigratório transoceânico é o mais antigo deles e dominou ao longo de todo o século XIX, dirigindo-se predominantemente para o Brasil. Ao longo do século XX, para além do Brasil, os EUA, o Canadá, a Venezuela e a África do Sul têm sido os destinos mais procurados no contexto desta corrente. O movimento intra-europeu, bastante mais recente, estabelece-se, sobretudo, na segunda metade do século XX, constituindo a França e a Alemanha os principais pólos de atração (Serrão, 1972, 1974).

De acordo com Serrão (1972, 1974), o fluxo desta população no interior da Europa apresenta características distintas do movimento transoceânico. O sucesso do plano Marshall, que gerando um *deficit* de mão-de-obra obrigou os países industrializados da Europa ao recrutamento de trabalhadores estrangeiros, foi o fato que determinou fortemente o estabelecimento e a orientação do movimento intra-europeu. É neste movimento que muitos portugueses partiram para seus vizinhos europeus, dedicando-se aos setores da construção civil, obras públicas, serviços domésticos e agricultura.

De acordo com Teixeira (2000), os primeiros contatos dos portugueses com o Canadá ocorreram nos séculos XV e XVI, quando os navegantes portugueses mapearam a costa atlântica do país e pescadores portugueses colheram abundantes estoques de pescado nas costas da Terra Nova. Todavia, é apenas na década de 50 do século XX que este Estado americano surge como um novo pólo de atração, embora com números sempre inferiores aos registrados para os EUA. Por meio dos estudos de Serrão (1972, 1974), sabemos que estes portugueses – homens e com baixo nível de qualificação – eram predominantemente das ilhas atlânticas, sendo que ao arquipélago dos Açores, pertence o maior número de partidas. Iam sozinhos para o Canadá em busca de emprego nos grandes centros urbanos – Toronto, Ottawa, Montreal, Hamilton, Kitchener e Winnipeg – nos setores da hotelaria, restauração e construção civil.

Ao consultar dados do Censo Canadense de 1996, Teixeira (2000) e Teixeira e Da Rosa (2000) afirmam que o grupo português era numericamente um dos grupos

étnicos mais importantes do Canadá (335.110 pessoas). Nesta direção, ainda afirmam que o português também era frequentemente um dos idiomas “não-oficiais” mais informados como língua materna. O português classificou-se em terceiro depois do chinês (286.460 pessoas) e do italiano (202.440 pessoas). E, finalmente que líderes da comunidade portuguesa, inclusive autoridades portuguesas no Canadá, afirmam que o número de canadenses portugueses (primeira, segunda e terceiras gerações) varia entre 400 mil e 550 mil pessoas. Segundo Teixeira (2006), tal fluxo deve-se ao fato do Canadá ter experimentado rápida mudança, especialmente na segunda metade do século XX, quando se tornou, de fato, um país multicultural. A imigração, neste sentido, transformou a geografia social de inúmeras cidades canadenses, dentre elas, destacamos, nós, a cidade do Quebec.

A constituição da cidade do Quebec, apoiada pela política canadense de imigração, é um mosaico de bairros étnicos. Nestas localidades, Saint Louis (leste de Mont Royal), os imigrantes, por meio de laços de parentesco e amizade, tentam manter viva a língua e a cultura de origem².

Um dos empreendimentos marcantes desta comunidade foi o estabelecimento de escolas na cidade de Montreal, assunto do qual trataremos a seguir.

² Há 25 anos, este bairro contava com aproximadamente 12.000 portugueses. Hoje, de acordo com o Serviço de Informação Comunitária, este número caiu para 2.000, tendo em vista a dispersão dos 50.000 lusófonos para outras partes da região metropolitana de Montreal. Ver Eusébio, 2001.

A(s) escola(s) portuguesa(s) em Quebec

Marcha da Escola Santa Cruz

*Os portugueses também têm
Alegria para dar
A toda a gente de bem
Que os queira acarinhar.
Na nossa simplicidade
Está a nossa maior riqueza
Esta festa é da amizade;
Só assim terá beleza.*

Refrão

*Numa flor pode estar
O verbo amar
Do amor mais profundo
Uma flor é uma criança
É a voz da esperança,
De paz no mundo.*

*Santa Cruz é nossa mãe.
A escola nossa irmã.
Assim nós somos também
Uma família cristã
Porém, grande é a saudade
Da nossa terra natal;
Mas onde há um português
Será sempre Portugal.*

(In Eusébio, p. 129)

Em 6 de novembro de 1971 surgia a Escola Portuguesa de Santa Cruz. Quatro anos mais tarde, era a vez da Escola Secundária Lusitana, apesar de *“hãõ era, no entanto, intenção do Centro Comunitário ultrapassar a escolaridade mínima”*. Em outros anos, outras escolas, ainda que menores, surgiam em Montreal” (Eusébio, 2001).

Ainda de acordo com este autor (2001), estas instituições foram fundadas com

os seguintes objetivos: defender os valores portugueses; fazer com que o português continuasse a se sentir como tal; criar condições para que os que chegavam se adaptassem, já que, somente a partir dos anos 70, pessoas escolarizadas começavam a chegar.

Além destes objetivos, esta primeira geração de imigrantes preocupava-se com a inserção das crianças e jovens e do importante papel que eles – pais – tinham como elo de ligação entre a lusofonia e o Quebec e, ao mesmo, oferecer a estes aspectos históricos, geográficos e culturais das suas origens: *“É natural que a primeira preocupação face aos filhos era introduzi-los na escola canadiana (francófona ou anglófona), procurando dar-lhes uma formação escolar superior à que tinham recebido em Portugal”* (Eusébio, 2001, p. 19). Em seguida, a busca pela Escola Santa Cruz era iniciada. Vejamos parte do jornal *A Voz de Portugal* citado por Eusébio: *“(...) O número de inscritos é impressionantemente grande, atingindo 350, havendo ainda mais interessados que não foi possível aceitar. Dados que as crianças que vão freqüentar os cursos podem prestar provas de exame com validade como habilitações literárias em Portugal, as citadas aulas revestem de particular interesse”* (p. 33).

Durantes estes anos de funcionamento, o período de estudos de escola tem sido apenas aos sábados variando, portanto, entre três a seis horas de estudos por dia.

A referida instituição de ensino obrigatório mudou de endereço diversas vezes para atender a demanda dos estudantes. No período do trabalho exploratório que inspira este artigo, nós pudemos conhecer o local atual que a escola ocupa desde 1984: na esquina da rua Rachel com a rua Bordeaux, ao lado da Igreja Santa Cruz.

Ao longo dos seus trinta anos de funcionamento, quatro padres foram os seus responsáveis. Muitos professores, alguns emprestados do governo português, tiveram rápida passagem pela escola (um ou dois anos), e um pequeno grupo, em que se encontram seus diretores e coordenadores, trabalham na escola desde a sua fundação.

Atingiu seu máximo de procura nos anos 1982/83, e hoje conta com, em torno de, 500 alunos, metade do que possuía no seu auge. Segundo Eusébio (2001), os motivos para esta diminuição são múltiplos e variados. Ele cita algumas causas: diminuição significativa da chegada de novos imigrantes portugueses na região; afastamento progressivo do imigrante e de sua família da cultura de origem; rejeição da cultura lusófona por parte dos filhos dos portugueses nascidos no Canadá, dentre outros.

Tendo como base a investigação realizada pelo professor Eusébio (2001) nestas instituições no ano de 2000, destacamos alguns dados significativos: a maioria de seus alunos nasceu no Canadá; mais de 80% dos alunos da escola freqüentam o sistema de ensino francófono; apenas 30% dos alunos da Escola secundária em questão e 18% da Escola Santa Cruz usam a Língua Portuguesa em casa e apenas 10% vêem a televisão portuguesa nos seus lares. Ou seja, o distanciamento da lusofonia é evidente.

Finalmente, destacamos que, ao longo da obra, apesar das inúmeras atividades culturais realizadas no âmbito da lusofonia (musicais, recitais e peças de teatro), a falta de verba, o pagamento simbólico aos professores, as dificuldades dos pais para pagar uma ínfima mensalidade e a escassez de material didático compõem a tônica do discurso sobre estas instituições. Como exemplo desta situação, atentemos para o fato de que apenas em 2000, a escola adquire um computador e uma máquina de reproduzir textos por meio de um rateio entre os pais e mães de seus alunos, e apenas em 1993 e 1999, as escolas fundamental e secundária respectivamente, fazem suas bibliotecas através de doações também.

Feita exposição acerca do passado português marcado pelas grandes conquistas e a submissão deste à Grã-Bretanha; e a breve descrição da Escola Santa Cruz e da Escola Secundária Lusitana, passaremos agora a analisar a relação destas instituições e o mundo lusófono no contexto montrealense.

Considerações finais

*Ouço os meus filhos a falar inglês³
entre eles. Não os mais pequenos só
mas os maiores também e conversando
com os mais pequenos. Não nasceram cá,
todos cresceram tendo nos ouvidos
o português. Mas em inglês conversam,
não apenas serão americanos: dissolveram-se,
dissolvem-se num mar que não é deles.
Venham falar-me dos mistérios da poesia,
das tradições de uma linguagem, de uma raça,
daquilo que se não diz com menos que a experiência
de um povo e de uma língua. Bestas.
As línguas, que duram séculos e mesmo sobrevivem
esquecidas noutras, morrem todos os dias
na gaguez daqueles que as herdaram:
e são tão imortais que meia dúzia de anos
as suprime da boca dissolvida
ao peso de outra raça, outra cultura.
Tão metafísicas, tão intraduzíveis,
que se derretem assim, não nos altos céus,
mas na caca quotidiana de outras.
Mas não terá que ser forçosamente*

³ Escolhemos este poema tendo em vista o lirismo com que trata a questão da aculturação. No caso de Montreal, conforme sabemos, o Francês seria também apropriado neste verso.

Noções de Linguística, Versos e Alguma Prosa de Jorge de Sena. Prefácio e seleção de Eugênio Lisboa. Lisboa: Arcádia e Moraes Editores, 1979, p. 110.

Bourdieu (2001) faz uma análise do valor da escolarização nos dias atuais e diz que existem dois sistemas escolares completamente diferentes: um para os pobres, totalmente descaracterizado em relação ao que fora planejado nos anos de 1950, e outro, “organizado”, mais próximo desse modelo para aqueles que detêm o poder na sociedade. Ambos sofrem do *mal-estar na escola*, afirma o autor, mas suas reivindicações são completamente diferentes. Anteriormente, a escola excluía facilmente os pobres – tal como foi o caso de boa parte dos primeiros imigrantes portugueses em Quebec no século XX – alegando que estes não tinham capacidade para estudar. Já, as transformações ocorridas desde os anos de 1950 permitiram o ingresso de uma população que antes não tinha acesso ao jogo escolar, mas a concorrência levou os que já utilizavam a escola a investir cada vez mais em educação de seus filhos.

Dos fatos referentes às instituições escolares aqui apresentados, consideramos que, apesar do incomensurável mérito das mesmas, consideramos que as mesmas se dirigiram aos menos favorecidos da sociedade montrealense. Isto porque, a longa dependência de Portugal em relação à Grã-Bretanha fez com que, ao longo do tempo, Portugal – da metrópole cantada por Camões – se tornasse um exportador de mão-de-obra pouco qualificada, ou seja, de portugueses praticamente sem escolarização que paulatinamente percebem os seus filhos a cada dia menos portugueses.

Deste modo, temos Portugal ocupando a semiperifericidade da Comunidade Européia; assim como, os portugueses de diferentes gerações de imigração na periferia montrealense, francófono e anglófono. Ou seja, apesar de que, no caso da sociedade canadense atual não haja uma exclusão selvagem – como ocorre no caso das antigas colônias portuguesas, as instituições escolares em exame são habitadas durante os 30 anos de sua existência por excluídos potenciais, vivendo as contradições e os conflitos associados a uma escolaridade sem outra finalidade que ela mesma.

Conforme procuramos demonstrar ao longo deste artigo, os alunos das citadas instituições escolares sabem que as mesmas, à luz das idéias de Bourdieu, são uma ramificação de um ensino pouco valorizado, uma espécie de apêndice do sistema escolar canadense, e que, portanto, apesar de depois de todos os esforços, o diploma em Língua e Cultura Portuguesa é pouco valorizado na anglofonia ou francofonia, tanto no Canadá como na Comunidade Européia.

Há um desprezo latente pelo ensino da cultura e da língua de Camões denunciado pela rotatividade de professores, pelo salário pago a estes profissionais; pela violência simbólica descoberta no vazio de livros, computadores, programas televisivos

em língua portuguesa; e pela quantidade de horas curriculares destinada ao estudo da língua de Pessoa.

Neste contexto, o professor Jean Biarnés (2003a, 2003b, 2005), da Université Paris Nord, é de grande importância para nossas reflexões. Ele afirma que a diversidade cultural, sob o paradigma da Antropologia, se constrói com significado, por meio da cultura. Cultura aqui entendida como a forma de compreensão do mundo e as normas do seu grupo. A criança nasce com as regras e aprende o significado cultural dessas regras. Essa diferença já funda a diversidade. A migração faz com que o sujeito se depare com novas regras e aí ocorre um “choque cultural”. As subculturas funcionam diferentemente em cada espaço, por exemplo, as subculturas femininas, as subculturas de classes, de etnias, dentre outras.

A escola, tanto a majoritária como a da minoria, nestas situações, é de extrema importância para a constituição da identidade de seus alunos, como bem expressa o poema destacado no início deste capítulo.

O autor francês afirma que a identidade se refaz a cada relação e identificação que temos com o “outro”, que nossa identidade está sempre por ser, ela é um espelho do “outro” e de nós mesmos em um reconhecimento e permanência constantes. Dito de outro modo, para Biarnés (2005) na situação de imigração há sempre o de algo próprio do sujeito com o estrangeiro que ele encontra no espelho. Somos – canadenses, portugueses, lusófonos, brasileiros, franceses, antilhanos – compostos assim de uma parte que nos diz respeito intimamente e a qual ninguém pode alcançar; e de outra que é estrangeira e que às vezes nem nós mesmos reconhecemos. O diferente e o semelhante estão em cada ser humano e daí resulta a universalidade. A diversidade, por sua vez, está no fato de que cada cultura carrega um ponto de vista próprio, derivado das diferentes estratégias criadas por cada grupo para garantir sua sobrevivência e sua fruição das manifestações artísticas. Assim, é na relação com o “outro” que encontramos um caminho nosso, não há essência a ser desvendada mas somente existência a ser construída com o “outro”.

Finalmente, pudemos encontrar neste contato exploratório com as Escolas Santa Cruz e Secundária que é preciso lamentar a própria “*desculturação*”, degradação da cultura de origem lusófona no Quebec. Entretanto, ela está sendo compensada pela aquisição progressiva de uma nova cultura canadense que se forma. Do nosso ponto de vista, já que hoje o Canadá é um país de atração, não só para portugueses, muito precisa ser estudado sobre a importância da relação entre escola e formação da identidade, inclusive porque o “ser quebequense”, neste caso, implica em absorver e refazer aspectos da lusofonia. Em suma, muitas pesquisas precisam ser feitas nesta direção, inclusive acerca dos brasileiros, angolanos, moçambicanos, dentre outros, que se dirigem atualmente para o Quebec, levando-se em consideração, sobretudo, a miséria

instalada nos países pertencentes à Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) aliada à política pública de incentivo à imigração em vigor no Canadá e, especialmente, na província do Quebec.

BIBLIOGRAFIA

- BIARNÈS, Jean. Entrevista. Revista *Entitès*, Paris, n. 7, p. 18-21, mai. 2003a.
- _____. Espaço de criação e diversidade. In: *I Ciclo de Palestras Populações Migrantes no Brasil e no Mundo*. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2003b, São Paulo. [S.l.: s.n.]
- _____. *Educación, diversidad y espacios de creación en la escuela*. [S.l.: s.n.], 2005.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. “Os excluídos do interior”. In: BOURDIEU, Pierre (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 481-486.
- COSTA, J. R. *Os descobrimentos portugueses: Pedro Álvares Cabral e o Brasil*. São Paulo, Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo. Editora Grupo Pão de Açúcar, 1988.
- COLLINS, P. Remembering the Portuguese, in C. TEIXEIRA and V. P. Da ROSA (eds) *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*. Toronto: University of Toronto Press, 2000, p. 68-79.
- EUSÉBIO, J. *Falando Português em Montreal*. Montreal, Quebec World, 2001.
- LISBOA, E. *Noções de Linguística, Versos e Alguma Prosa de Jorge de Sena*. Lisboa: Arcádia e Moraes Editores, 1979, p. 110.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. “The Portuguese Diaspora”, in C. TEIXEIRA and V. P. da ROSA (eds) *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*. Toronto: University of Toronto Press, 2000, p. 15-33.
- SANTOS, Boaventura e Sousa. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo, Cortez, 2005.
- SERRÃO, J. “Notas sobre a emigração e mudança social no Portugal contemporâneo”, in *Análise Social*, n.ºs- 87-88-89, vol. XXI, Lisboa, p. 999.
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Portugu%C3%AAs
- TEIXEIRA, C. “On the Move: Portuguese in Toronto”, in C. TEIXEIRA and V. P. da ROSA (Eds) *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*. Toronto: University of Toronto Press, 2000, p. 207 - 220.